

MST reclama da indiferença de Lula

Educação Presidencial

São Paulo — Armando Favaro

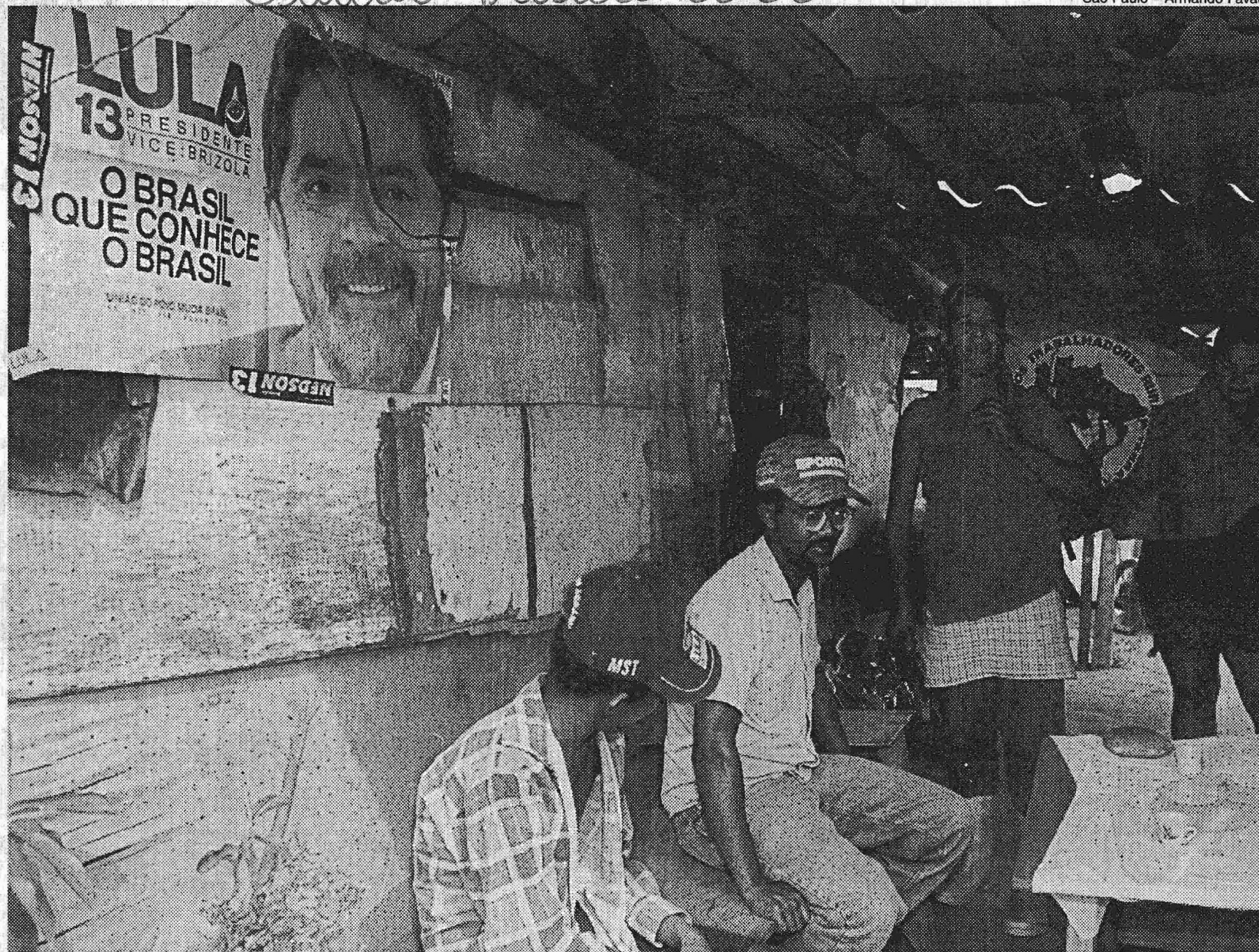
VASCONCELO QUADROS

TEODORO SAMPAIO, SP — Os sem-terra do Pontal do Paranapanema — maior polo de reforma agrária do país e reduto histórico do PT — já não têm tanto entusiasmo pela candidatura de Luiz Inácio Lula Silva. “A campanha está sendo feita para a classe média e a burguesia. O Lula deveria estar junto com a gente nas lutas”, diz José Rainha Júnior, um dos mais importantes líderes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), resumindo o desânimo dos militantes, que esperavam mais espaço para participar da campanha em favor do petista.

“Não adianta ficar falando só em desemprego e tentando atrair a classe média. Ela não vota em Lula nem que pintem ele com tinta cor de rosa”, critica Rainha. Alijada pela cúpula do PT — que teme prejuízos eleitorais num momento em que Lula dá sinais de reação nas pesquisas —, a militância do MST também passou a se comportar com indiferença em relação ao partido e decidiu colocar em ação um dos mais arrojados planos de invasão de terras em todo o país — em 30 dias pretendem ocupar mais de 200 fazendas. “Se a cúpula do partido acha que as ocupações que estamos fazendo atrapalha a campanha, então o PT não é mais o PT”, diz Gilmar Mauro, outro dirigente de peso na hierarquia do movimento.

Aliado — Segundo Gilmar Mauro, o MST não está preocupado com possíveis reflexos das invasões na campanha de Lula e nem com a reação do governo. Os sem-terra são um aliado natural de Lula, mas não deixam o partido controlar o calendário de agitações.

A maior contribuição do movimento à campanha de Lula será impedir que a máquina eleitoral do presidente Fernando Henrique Cardoso penetre no Pontal do Paranapanema. Nos assentamentos e acampamentos de lona preta que povoam a região, não se vê uma pálida referência a Fernando Henrique, mas há fartura de propaganda de candidatos da esquerda. Lá, Lula tem votos garantidos, embora na panfletagem só



Os sem-terra do Pontal, mesmo desapontados com o tratamento dado por Lula ao MST, mantêm a propaganda do candidato em seus barracos

apareça, timidamente, como referência de outros candidatos que desfilam pelo Pontal.

“O Fernando Henrique fez coisas boas também, mas tem de botar o Lula lá (na presidência) para ver se ele é bom mesmo para os sem-terra. Se não for a gente tira”, diz Maria Aparecida Pereira, mãe de quatro filhos, que há três anos mora no Acampamento Antônio Concelheiro, no município de Sandovalina, à espera de um lote. Seu barraco é um dos poucos que ostenta um cartaz exclusivo de Lula, assim mesmo, na parte interna.

Até na agrovila que é mais badalada pelos sem-terra, o Assentamento Che Guevara, a imagem que mais chama atenção é um painel com um grande retrato do guerrilheiro argentino — maior ícone do MST —. Lula aparece mais discretamente em um painel, ao lado do cartaz do deputado Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP) —, advogado dos sem-terra e por quem os dirigentes do MST não medem esforços para buscar votos.

Desencanto — O desencanto está relacionado também com a indiferença da cúpula petista com as duas

datas, 25 de julho e 2 de agosto, marcadas pelo MST para que Lula visitasse o Pontal. “Colocaríamos cinco mil pessoas para recebê-lo”, afirma Gilmar Mauro. Esse desdém do PT, segundo Rainha, teria estimulado os marqueteiros do presidente Fernando Henrique Cardoso a tentar ocupar espaço no Pontal, num episódio que tirou o sono do MST. Uma série de conversas rotineiras no processo de reforma agrária, entre Rainha, o presidente do Incra, Milton Seligman, e o ministro da Reforma Agrária, Raul Jungmann, chegou ao noticiário como um suposto acor-

do político entre o líder sem-terra e o governo federal. O objetivo de articuladores do PSDB seria levar o presidente ao Pontal do Paranapanema e explorar o ato na campanha.

“Sempre conversei com todas as pessoas do governo, mas jamais me prestaria a permitir que Fernando Henrique viesse fazer campanha entre os sem-terra” sustenta Rainha, que atribui a articulação, sem citar nomes, a pessoas ligadas ao governo. Para Gilmar Mauro, o que houve foi uma possível tentativa de cooptação de seu companheiro por setores da campanha de Fernando

Henrique, que enxergariam na presença do presidente no Pontal uma grande oportunidade de propaganda política. “Não temos nada contra o presidente vir ao Pontal, mas acho que ele só encontraria aqui reclamações e terra tombada nas fazendas ocupadas por nós”, ironiza Mauro, referindo-se à onda de invasões desencadeada na semana passada. Rainha acha que os marqueteiros de FHTeriam tentado se aproveitar de um vácuo deixado pelo próprio PT numa região onde a luta política pela reforma agrária repercute sobre a massa de sem-terra de todo o país.

Devolutas — Com seus 19 municípios e cerca de um milhão de hectares de terras devolutas — disputadas entre sem-terra e fazendeiros —, o Pontal do Paranapanema se transformou também numa passarela de políticos que buscam na reforma agrária um mote de campanha. A região se tornou um referencial tão importante que todos os grupos envolvidos no conflito querem espaço na política. Os candidatos que mais têm apoio no MST são o senador Eduardo Suplicy e o deputado Luiz Eduardo Greenhalgh (PT). A radical União Democrática Ruralista (UDR) também quer espaço e lançou o ex-presidente, o advogado e pecuarista Roosevelt Roque dos Santos (PTB) como candidato a deputado federal. Até um representante do Incra, o ex-superintendente em São Paulo, Jonas Villas Boas (PSDB), mandou espalhar cartazes para atrair os moradores da região.

A propaganda do ex-prefeito Paulo Maluf, candidato ao governo paulista, não entra nos redutos controlados pelo MST, mas tem o apoio ostensivo da UDR, que vê nele a esperança de uma ação policial para impedir as invasões de terra. “O atual governo tem estimulado as invasões e anda a reboque do crime. A omissão tem estimulado a impunidade”, diz a presidente da entidade, Tânia Tenório de Farias. Ela quer de Maluf o compromisso de que, se ele ganhar a eleição, a polícia paulista vai impedir a ação do MST e colocar na cadeia os sem-terra que participem de invasões.